



“Não quero a glória que vem fria, quero agora”: a negação da posteridade em Hilda Hilst

“I Don’t Want the Cold Glory; I Want It Now”: The Denial of Posterity in Hilda Hilst

Victor André Pinheiro Cantuário

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá / Brasil

ve.cantuario@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1706-1016>

Resumo: O artigo discute a opinião de Hilda Hilst sobre leitor, obra e posteridade recorrendo às entrevistas concedidas pela autora ao longo de sua trajetória literária e reunidas por Diniz (2013), bem como à biografia escrita por Folgueira e Destri (2018). Tendo frequentemente se queixado de não possuir leitores, de sua obra ser inédita ao público, de ser mal distribuída por seus editores e acusada de hermética, Hilda Hilst não interrompeu sua produção que se estendeu desde a publicação do primeiro livro, em 1950, até apresentar sua despedida do sagrado ofício da escrita com o último de textos inéditos, em 1997. De posse das informações disponibilizadas tanto nas entrevistas quanto na biografia mencionadas, torna-se evidente o entendimento de que havia uma preocupação por parte da poeta paulista, ainda que se tenha negado sucessivamente a “descobrir” quem era o seu leitor, de que sua obra fosse conhecida, reconhecida, objeto de estudo e se mantivesse em cena mesmo após a sua morte, fatos para os quais a compra de parte de seus arquivos pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, da UNICAMP, o projeto da editora Globo de publicar a obra completa e a organização do Instituto Hilda Hilst contribuíram significativamente, além de ter sido homenageada na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), em 2018, reascendendo-se, mais uma vez, o interesse pela autora e sua obra. E disto se concluir que, mesmo fria, a glória póstuma se estende sobre sua obra, pois não foi necessário que meio século transcorresse, é no hoje da posteridade negada que os louros são colhidos em memória a essa estrangeira na própria terra.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Obra; Posteridade; Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract: The paper presents Hilda Hilst's opinion about the reader, her work and posterity through interviews she gave, collected by Diniz (2013), as well as her biography written by Folgueira and Destri (2018). Even Hilst often complained of her few readers, that her work was barely known by the public, not well distributed to sell by the publishers, and also called hermetic, she never stopped of writing for these reasons, since her first book, from 1950, until her last one, in the late 1990s. Considering all this information, it becomes clear the understanding that the paulista writer was really concerned, even though she denied several times, in discovering who was her reader, that her work was known, acknowledged, studied and could be there after her death, and the buying of her personal papers by the Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (UNICAMP), the Globo publisher's project of reprinting her complete work, and the beginning of the activities of the Instituto Hilda Hilst immensely contributed, besides Hilda Hilst had been honored in the 16th Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), in 2018, risen again interesting by the writer and her work. From this, it is possible to conclude that even cold, the posthumous glory is spreading its wings above Hilda Hilst's work, and won't be necessary that half of a century goes by, it is right now that the denied posterity is resting on her laurels in honor to the memory of that stranger in her own country.

Keywords: Hilda Hilst; Literary Work; Posterity; Contemporary Brazilian Literature.

Presságio: tu serás o que nasceste para ser

Dedicar uma vida integralmente à literatura é uma escolha que compete pôr em risco a si mesmo, pois nada, absolutamente, pode servir de garantia que tal decisão venha a ser a mais acertada, que se há de ter êxito ou obter reconhecimento e sucesso ainda em vida, podendo-se, inclusive, vedar, definitivamente, o acesso a outros caminhos ou trajetórias profissionais.

Se ainda fosse forma caminhante sobre a terra dos viventes, Hilda Hilst (HH), em 2020, celebraria as suas nove décadas de existência, contudo, a morte, aos 73 anos, em 2004, calou-lhe a voz, mas não a força de sua poesia, visto se tratar de uma escritora que não apenas assumiu a escolha e os riscos envolvidos no ato de escrever, entre os quais o de fracassar, mas aceitou o sacramento da poesia como se fossem os votos de uma noviça que estivesse dedicando sua vida à contemplação de algum divino. Sim, HH abraçou seu sacerdócio literário e a ele somente foi fiel por pouco mais de cinquenta anos sem expressar qualquer tipo de arrependimento a respeito.

Senhora de uma pena polêmica, escritora premiada, considerada hermética, ressentida com os leitores que não se multiplicavam nas livrarias em busca de seus livros pouco distribuídos, cuja vida produziu uma série de narrativas que seguiram na frente de sua obra, HH não recuou em nenhum momento ao se considerar genial e ser considerada voz inovadora da literatura brasileira contemporânea ao lado de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Ela não vacilou diante do silêncio imperioso que lhe foi imposto pela crítica em um certo momento dessa trajetória intensa e não poupou ninguém de suas francas denúncias, nem editores, nem acadêmicos, nem os leitores.

Expressando que não lhe interessava conhecer quem lia seus livros, mas queixando-se constantemente da falta de recursos financeiros para se manter, após décadas de empenho e esforço pessoal, HH ainda se sentiu obrigada a negociar parte de seu acervo, que foi comprado pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, da Unicamp (CEDAE),¹ e de igualmente aceitar oferta de compra dos seus direitos autorais pela Editora Globo para a edição de suas obras completas, cuja organização coube ao crítico literário e professor Alcir Pécora (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 196).

Tais ações, se para HH significaram alguns meses de oxigênio e calma, meio de subsistência e possibilidade de quitar algumas dívidas atrasadas, para a literatura brasileira foram movimentos fundamentais a fim de que pudesse, finalmente, divulgar sua obra, dita inédita pela própria autora.

Após sua morte, mais uma etapa teve início de modo a imortalizar uma obra que vem nos últimos anos dando frutos, por exemplo, através do estabelecimento do Instituto Hilda Hilst (IHH),² em 2005, inicialmente,

¹ Na página do CEDAE, consta a seguinte informação: “Em 1994, a escritora Hilda Hilst ofereceu um conjunto de documentos para a Reitoria da Unicamp. No ano seguinte, acertados os termos da compra, após a avaliação de uma comissão, a titular reuniu e doou um outro conjunto, composto por livros que recebera de escritores, além exemplares editados de sua obra, revistas e alguns documentos.” E, a seguir, acrescenta-se: “Em 2001, a escritora contacta novamente a universidade, oferecendo um outro conjunto de documentos, acumulado após o primeiro lote, ou seja, entre 1995 e 2001.” Disponível em: <http://www3.iel.unicamp.br/cedae/guia.php?view=details&id=1f0e3dad99908345f7439f8ffabdfc4>. Acesso em: 30 set. 2020.

² No sítio do Instituto, na guia *Quem Somos*, lê-se: “Fundado em 2005, pouco depois da morte de Hilda, pelo escritor José Luís Mora Fuentes, o IHH procura se consagrar

sob a direção de José Luís Mora Fuentes, um de seus amigos mais íntimos e executor pessoal de sua vontade, e, no presente, contando com seu filho, Daniel Fuentes,³ e a esposa, a artista Olga Bilenky, como administradores.

O ano de 2018 viu o nome de HH brilhar na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) como homenageada.⁴ Desde então, o tímido registro de número de estudos⁵ tem sido substituído por outros que se avolumam pretendendo investigá-la sob os mais distintos aportes teóricos. Além disso, mais um documentário foi lançado, o *Hilda Hilst Pede Contato* (2018),⁶ dirigido por Gabriela Greeb, e a biografia de autoria de Ana Lima Cecílio⁷ está em processo de elaboração.

Mesmo negando a posteridade, afirmando a necessidade de reconhecimento no seu presente, HH compôs uma obra sobre a qual muito ainda há de se desnudar, pois essa ilustre desconhecida escreveu para além de seu tempo, garantindo que sua voz ecoasse na memória literária e venha a ser objeto de crítica, estudo e análise.

É, justamente, concentrando a atenção nos pontos expostos que o artigo se ancora em Diniz (2013), Folgueira e Destri (2018) e daí parte a fim de tentar compreender os motivos da perspectiva tão negativa de HH no tocante ao ofício da escrita no Brasil e a possível motivação por detrás de sua suposta baixa popularidade.

Ser poeta no Brasil “é uma merda”, responde Hilda Hilst⁸

Durante uma das várias conversas que travou com a amiga e crítica literária Nelly Novaes Coelho, HH se queixou da pouca visibilidade que recebia por seus livros em questão de divulgação, e da sua baixa popularidade junto ao público leitor. Em um determinado ponto, a amiga

como centro produtor e difusor de cultura, sobretudo na cidade de Campinas (SP), onde está sediado.” Disponível em: <http://www.institutohildahilst.org.br/instituto-hilda-hilst>. Acesso em: 30 set. 2020.

³ Algumas outras informações a respeito de Daniel Fuentes estão disponíveis em: <http://www.hildahilst.com.br/?s=daniel+fuentes>. Acesso em: 30 set. 2020.

⁴ Informação disponível em: <https://www.flip.org.br/homenageado/hilda-hilst/>. Acesso em: 30 set. 2020.

⁵ Para mais informações sobre esse tópico, recomenda-se: Diniz (2018).

⁶ Cf. Araújo (2018).

⁷ Cf. Hertz (2018).

⁸ Na entrevista concedida em 2003 (GOUVEA, 2013, p. 232).

questiona a poeta nos seguintes termos: “– Quem é que vai entender o que você escreve, mulher? Hilda, espera, que daqui a cinquenta anos você será *best-seller!*”, ao que HH devolve: “– Eu não quero a glória que vem fria, eu quero agora!” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 77).

A fria glória futura era algo que soava nada agradável à poeta paulista, principalmente se se levar em conta todo o esforço por ela empenhado ao longo de sua trajetória literária, iniciada na década de 1950, com a publicação de *Presságio*, e encerrada com *Estar sendo. Ter sido* (1997), o último texto inédito.

A década de 1960 será decisiva para a carreira literária de HH, pois, nesse momento, ela decide abandonar as festas e “badalações” sociais para se dedicar integralmente à escrita, mudando-se para um terreno pertencente à sua mãe, Bedecilda Vaz Cardoso, nos arredores de Campinas (SP), onde, em julho de 1966, o projeto de construção da Casa do Sol, atual sede do IHH, é finalizado (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 74).

Nota-se que essa virada pessoal na vida de HH esteve relacionada tanto ao impacto que a leitura de *Carta a El Greco* de Nikos Kazantzakis lhe causou (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 67), presente recebido do estimado amigo e poeta português Carlos Maria de Araújo⁹ (1921-1962), quanto ao efeito das críticas recebidas pelos livros de poesia publicados até então.

Se desde a sua estreia na literatura, HH mostrava-se consciente do seu fazer artístico, desse instante em diante, professa seus votos em tom de consagração, abraçando espontaneamente o sacramento da ordem literária para enfim se tornar polidora da palavra, poeta que canta o amor.

Resultado desse voluntário enclausuramento foram a continuidade de sua produção poética e a necessária composição das oito peças de teatro escritas no espaço de 1967 a 1969 como resposta a uma série de questionamentos que a autoria vinha se pondo no momento, entre os quais, as atrocidades cometidas pelo nazismo (*As aves da noite*) e o autoritarismo em suas diversas manifestações (*A empresa, O rato no muro, O novo sistema, O verdugo*).¹⁰

Com a entrada na década de 1970, aos versos e ao teatro será agregada a prosa corrida, cujo primeiro rebento se manifesta em *Fluxo-floema*, esse título estranho e enigmático. Naquela altura, a escritora

⁹ Sobre o poeta, recomenda-se: Amorim (1999).

¹⁰ Ver “Nota do Organizador” em: Hilst (2008. p. 7-19).

mostrava-se disposta a ampliar seu domínio discursivo sem, no entanto, compreender que sua obra se particionava, ao contrário, cada uma era parte componente desse complexo estrutural chamado Hilda Hilst.

A partir desse ponto, HH percebe que é celebrada. Ao longo de sua carreira, conquistou importantes premiações, como o Prêmio Anchieta de 1969 pela peça *O verdugo* (HELENA, 2013, p. 25), o Prêmio Jabuti de 1984 por *Cantares de perda e predileção* (COELHO, 2013, p. 111), o Prêmio Moinho Santista de 2002¹¹ pelo conjunto de sua obra lírica. Contudo, permanece uma ilustre desconhecida devido ao fato de sua obra ser considerada de difícil compreensão, como se escrevesse em sânscrito (NETO et al., 2013, p. 76) ou em alguma língua impossível de ser decodificada. A esse respeito, recorde-se o relato sobre o que aconteceu nos bastidores da edição do primeiro livro de prosa, lançado por uma renomada editora paulista. HH narra o episódio nos seguintes termos:

Eu sabia que as coisas que eu ia dizer não estavam dentro das normas e tudo mais, foi muito difícil arranjar um editor, entende? Por exemplo, *Fluxo-floema* foi editado pela Perspectiva, mas foi por causa do Anatol Rosenfeld, que morreu, que gostava muito de mim, era um crítico e tudo, mas com dificuldades, porque me pediram um pagamento inicial, depois minha mãe morreu e eu não pude pagar, daí eles foram muito, muito agressivos, foi uma coisa muito desagradável, demais, e eles diziam assim: “Isso é muito bom, só que ninguém vai ler, porque você escreve como se estivesse drogada o tempo todo”. Foi isso o que o editor falou (NETO et al., 2013, p. 78, *italico das autoras*).

Tais experiências, somadas à passagem dos anos, parecem ter fornecido à HH o senso necessário para que se concentrasse na produção de seus textos e buscasse o afastamento ou do “elogio fácil” (SILVEIRA, 2013, p. 22) daqueles que, sem dizer a verdade, atêm-se ao excesso de caracterização, evitando apontar as deficiências e as prováveis qualidades de uma obra, ou da crítica somente empenhada em desqualificar um trabalho (NETO et al., 2013, p. 79).

Não à toa, HH se sentiu privilegiada pela crítica de Fernando Jorge, colega na Faculdade de Direito, ao seu primeiro livro de poesias, escrita no *Jornal de Notícias*, na qual ele se expressa assim:

¹¹ Cf. HILDA Hilst recebe o Prêmio Moinho Santista (2002).

É forçoso reconhecer, todavia, que Hilda Hilst não é ainda uma poetiza realizada. O que possui, e bastante, em sentimentos sinceros, mesclados de misticismo e sensualismo, encontra-se em oposição ao que lhe falta, se não quisermos abusar do termo “virtuosismo”, em amadurecimento de técnica. Muitos de seus versos são frouxos, mal construídos, e arrastam-se tontos, com moleza anêmica. Dão mesmo, a poetisa desculpe-me a franqueza, a ideia de sentimentalismo barato, romance água com açúcar para moças (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 47-48).

Contudo, a inquietação de HH não se concentrava no fato de se tecerem críticas, quaisquer que fossem, às suas obras. O ponto de maior incômodo era não ser capaz de compreender por que seus livros não vendiam como os de Paulo Coelho (WEINTRAUB et al., 2013, p. 226), afinal, ao saber que em 1990 a venda de um dos livros do escritor alcançara a quantia de 60 mil dólares, indignou-se: “– Não é possível que eu, com esta cabeça esplendorosa, não possa me sustentar. Se não tivesse recebido uma herança, não teria podido escrever o que escrevi.” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 162).

Para ela, a acusação de hermetismo lhe parecia uma justificativa sem qualquer fundamento viável, pois, de acordo com sua percepção:

E quanto a minhas obras de ficção, os comentários são os mesmos: que eu escrevo em sânscrito. Não posso dizer que lido muito bem com isso. É estranho, mas mesmo que eu seja poeta – e eu sei que sou –, cheguei a pensar que não era. Eu perguntava pro Anatol Rosenfeld, de quem eu gostava muito: “Por que as pessoas acham que eu escrevo para os eruditos? Eu falo tão claro. Eu falo até sobre a bunda”. E ele me respondia: “Mas a tua bunda é terrivelmente intelectual, Hilda”. Eu ficava desesperada. Eu disse pra mim mesma: já que não acontece nada, quero escrever do meu jeito, como me der vontade. Mas eu não entendo, não entendo. Sobre *Agda*, por exemplo, algumas pessoas me disseram que não entenderam nada do começo ao fim. O que me parece absurdo. No entanto, eu escrevo com palavras, com palavras da língua portuguesa (PISA; PETORELLI, 2013, p. 43, *itálico das autoras*)

Dez anos depois, quando entrevistada por um de seus mais próximos amigos, o também escritor Caio Fernando Abreu (1948-1996),¹² HH, questionada sobre o mesmo problema de alcance e receptividade de sua pelo público leitor, de por que, diante de seus esforços pessoais e de uma obra já premiada, não constava no círculo dos autores mais vendidos, respondeu: “Eu tinha tanta vontade de saber... Você não tem ideia? Eu acho que é assim: são 30 milhões de analfabetos com uma vida miserável – isso é o nosso país. Não acho que atemorize as pessoas. O que acontece é que elas estão preocupadas com outras coisas.” (ABREU, 2013, p. 99-100)

Aliado a isso, HH considerava que por detrás desse aparente desinteresse pelos seus escritos estariam questões de ordem mais interna, defendendo que um dos prováveis fatores seria

o medo do autoconhecimento promovido pela leitura de seus livros. Ela queria “acordar” as pessoas. Entendia que, assim como acontecera com a vida dela – completamente transformada pela leitura –, seus leitores poderiam começar a refletir sobre o próprio ato de existir. Mas se perguntava sobre a licitude da sua proposta: “De repente, o homem está casado, tem filhos e acha que todo o trabalho que está fazendo é válido. Aí a pergunta que você faz para esta pessoa desestrutura toda a vida dela. Eu achava que eu não podia deixar a pessoa dormindo. Eu tinha que sacudir as pessoas e toda a frivolidade, a futilidade de cada dia” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 163)

Tal era o nível de indignação com o mistério circundando a sua impopularidade literária que em fins da década de 1980, crendo ter encontrado a fórmula para sair ou ser arrancada do solene ostracismo em que foi confinada ou no qual, quem sabe, se autoconfinou, HH declarou: chega de escrever literatura “séria”, agora é a hora da provocação.

Sustentando isso como mantra e enfrentando o sepulcral silêncio da crítica literária e do público leitor, “ela optou por um novo caminho de salvação: o riso, através da pornografia.” (SALOMÃO, 2013, p. 103). Para esse projeto, HH compôs uma tetralogia (*O caderno rosa*

¹²No sítio da Companhia das Letras, consta que o escritor nasceu em 1948. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00005>. Acesso em: 30 set. 2020. Outra fonte registra que teria nascido em 1949. Cf. *Cadernos de Literatura Brasileira* (1999, p. 20).

de Lori Lamby e *Contos d'escárnio* de 1990, *Cartas de um sedutor* de 1991, *Bufólicas* de 1992), que prontamente recebeu alguns designativos: tetralogia obscena, pornô chique ou *bossa-pornografia*, como ela própria o chamou.

Esse novo caminho, alguns críticos e amigos como Léo Gilson Ribeiro, para quem a obra de HH era inovadora até o limite, “a mais transformadora e importante em língua portuguesa, hoje” (RIBEIRO, 2013, p. 56), equiparando-a a notáveis expoentes da literatura brasileira do século XX, viram com desconfiança, estranhamento e optaram por silenciar diante de HH, já que para esses, a iniciativa findou por reduzir o esplendor daquela obra que, porém, não popular, habitava com louvor o céu estrelado das letras brasileiras.

Mas essa glória opaca que não paga contas, essa não interessava à HH, que se negava a conhecer ou sequer pensar em seus prováveis leitores, alegando não saber quem seriam (VÁRIOS AUTORES, 2013, p. 213), pensava sim em um leitor ideal que fosse como ela (COELHO, 2013, p. 133). E exatamente quando foi interrogada se a publicação da tetralogia se constituía em uma “jogada” de *marketing*, HH simplesmente respondeu:

É claro que sim porque eu penso assim: é um absurdo você fazer obras-primas como eu faço e guardar tudo na gaveta, esperando que daqui a cinquenta anos as pessoas falem de você. O escritor, acima de tudo, quer ser lido. O Léo Gilson Ribeiro ficou muito magoado por eu ter escrito esses livros. Ele me disse: “Pensa no Kafka, que levou x anos para publicar um livro”. Mas com todas essas formas de divulgação que um livro tem é um absurdo pensar assim. Porque, se você está vivo, a sua vontade é de se comunicar com o outro. (RIMI, 2013, p. 139)

Mas nem todos os críticos se posicionaram contrários à proposta hilstiana nessa fase em particular. Jorge Coli¹³, crítico de arte e professor, por exemplo, foi um dos que louvou os textos obscenos e ressaltou a sua qualidade e importância devido ao fato de não significarem, realmente, nenhuma forma de cisão em comparação aos textos anteriores ou posteriores. Na verdade, integram, plenamente, o repertório de HH e estão intimamente vinculados aos temas que a escritora paulista sempre desenvolveu em seu discurso literário.

¹³ Cf. Coli (2014, p. 270-273).

Pécora¹⁴ é outro dos críticos que também se dedicou a explorar essa dimensão da obra de HH, refletindo sobre esta em conjunto e concluindo que “contém a mesma qualidade literária de toda a sua produção” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 170). Por esse motivo, empenhou-se em apresentar outro entendimento da palavra obsceno, visto que, para HH, “a verdadeira natureza do obsceno é converter”, e “se você for consideravelmente repugnante, você faz com que o outro comece a querer a nostalgia da santidade” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 166).

A despeito desses quesitos, a ânsia de ser popular, recorrendo a gêneros da literatura mais comerciais ou periféricos que a seu ver alavancariam as vendas de seus livros, não surtiu o efeito esperado. Mesmo no pornográfico, HH ainda escrevia literatura considerada profundamente intelectualizada. Assim, seu impulso pornô, de acordo com o colunista José Simão, não passou no teste do colo: “você bota o livro no colo, se ele levantar sozinho é pornográfico. O dela ficou estático. É pornô chic. Linguagem delicada e deliciosa. Ela chama pau de estrovenga. Se ela chamasse pau de pau não viraria um *best-seller*?” (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 170).

De todo modo e resistindo a todas as forças agindo em contrário, HH prosseguiu em sua caminhada espiritualmente literária, produzindo incessantemente e gestando, até o final da década de 1990 o conjunto final de sua obra, enquanto os recursos pecuniários se exauriam, suas forças se arrefeciam e sua saúde se desintegrava.

Desse momento são os livros de poesia *Alcoólicas* (1990), *Do desejo* (1992), *Cantares do sem nome e de partida* (1995); os de ficção *Rútilo nada* (1993) e *Estar sendo. Ter sido* (1997), encerrando uma carreira, como disse atrás, plenamente devotada à literatura e que, diante de todas as dificuldades postas, prevaleceu. O que se pode constatar pelas diversas referências dispostas ao longo deste artigo, das homenagens e premiações recebidas em vida, das homenagens e estudos a ela dedicados após sua morte.

HH morreu fisicamente para o mundo, mas sua memória, uma memória que ao mesmo tempo negava a posteridade e alimentava o desejo de ser lembrada, permanece ativamente interferindo na ordem das coisas e do mundo, pois sua necessidade e vontade de perdurar nos outros, citando o poema de Edna St. Vicent Millay: “Leiam-me, não me

¹⁴ Cf. Pécora (2010, p. 7-29).

deixem morrer” (apud GONÇALVES, 2013, p. 29), é realizada em cada ato de escritura, em cada retorno aos seus textos, em cada som que se profere a seu respeito, seja pela sua materialidade registrada no papel, seja pelo seu espalhamento e preenchimento no ar.

Em um dos últimos pronunciamentos públicos concedido no ano de 1999 para anunciar a sua retirada do reino da escrita, HH, em tom de lamento, se manifestou afirmando o seguinte:

Eu fico besta. Ninguém me lê, nesses quase cinquenta anos foi assim, e me descobriram só agora, que estou quase morrendo. Eu ouço dizer muito que as pessoas não me entendem, e quando alguém me entende eu fico besta, porque não sei como é que é escrever compreensivelmente. (FELINTO, 2013, p. 184)

Não Hilda, se a terra consome teus restos, certamente, não morrerás se morrer significa não ser lida. Tua ânsia de comunicar é uma realidade que se alimenta e é alimentada pela urgência da palavra, do verbo que cultivaste, regaste e vês florescer como cuidadosa jardineira, anulando as maldições de que somente serias compreendida em cinquenta anos ou mais.

É hoje que tua obra alcança mais leitores e intérpretes. É hoje que ela constrói novos sentidos. É hoje que ela se projeta como vontade no amanhã desses e de outros, cuja suposta distância tanto te perturbou, dos quais tanto te queixaste e aos quais negaste a participação nos teus espólios, que querem se aproximar da tua obra, da tua face e, mesmo que um tanto tardiamente, suplicam: fica, Hilda, não te movas de ti para não te moveres de cada um de nós!

Que maçada!

Em 2002, com a saúde bastante debilitada em razão de hábitos prejudiciais conservados ao longo da vida, HH foi diagnosticada com câncer no pulmão, passou por intervenção médica, tendo sido operada, e se recuperou satisfatoriamente. Contudo, no ano seguinte, um acidente doméstico lhe custou uma fratura no fêmur e nova operação. Além disso, as faltas de ar começaram a se tornar comuns, ela ainda sofreu mais de um Acidente Vascular Cerebral e sua voz enrouquecida denunciava que as forças lhe faltavam (FOLGUEIRA; DESTRI, 2018, p. 201).

Tendo estruturado a sua obra sobre três eixos temáticos básicos (o amor, a morte, deus), a respeito dos quais experimentou todas as possibilidades que se fizeram viáveis, HH, por isso, sempre nutriu preocupação com o definitivo e inevitável momento da partida, que para ela se aproximava, questionando-se, comentam Folgueira e Destri (2018, p. 205), sobre

o que diria na hora de sua morte, já que, segundo ela, os melhores escritores deixavam frases grandiloquentes. Atormentava-se, por vezes, pensando em algo memorável para declarar em sua despedida. Mas, inconsciente, não pôde nem dizer o que – decepcionada com sua falta de criatividade – sempre imaginara como última opção:
– Que maçada!

Morta devido à falência múltipla de órgãos, às 16h de 04 de fevereiro de 2004, HH foi velada e enterrada no Cemitério Parque das Aleias, diante da presença de aproximadamente 70 pessoas,¹⁵ a fim de ser entregue ao repouso eterno que silencia quem parte e inquieta quem permanece.

Hoje, no ano em que comemoraria noventa de existência e passados dezesseis de sua morte, aquilo que uma vez constituiu seu corpo agora é matéria se decompondo abaixo do solo, porém, se a matéria perece, e toda matéria está condenada a perecer, a memória se aviva, a palavra ecoa, o verbo se humaniza.

Hilda Hilst mostrou como se dedicar à escrita é um exercício que causa sofrimento constante, que desgasta e angustia, afirmando que “escrever me provoca mal-estar, medo mesmo” (GONÇALVES, 2013, p. 29). No entanto, consciente de seu ofício, jamais repousou sobre a folha, domando todas as forças e impulsos de sua natureza a fim de concentrá-los na criação literária.

As evidências de que seus esforços têm vingado se mostram na multiplicação dos estudos a seu respeito, na reedição de sua obra, nas atividades promovidas pelo Instituto que leva seu nome. Se fria, Hilda, é a glória que se estende sobre tua obra, o pedido da posteridade negada é que mesmo fria aceites essa glória que clama teu nome.

¹⁵ HILDA HILST é enterrada em Campinas, 2004.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Deus pode ser um flamejante sorvete de cereja, 1987. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 95-101.

AMORIM, Silvana Vieira da Silva; AMORIM, Orlando Nunes de. Carlos Maria de Araújo: “Eu sou poeta por acaso”. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 39, p. 147-165, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27666717>. Acesso em: 30 set. 2020.

ARAÚJO, Inácio. “Hilda Hilst Pede Contato” se enfraquece quando se torna solene. *Folha de S. Paulo*, 25 jul. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/hilda-hilst-pede-contato-se-enfraquece-quando-se-torna-solene.shtml>. Acesso em: 18 set. 2020.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Hilda Hilst*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 8. 1999.

COELHO, Nelly Novaes. Um diálogo com Hilda Hilst, 1989. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 111-137.

COLI, Jorge. Descrição e finura. In: HILST, Hilda. *Pornô chic*. São Paulo: Globo, 2014. p. 270-273.

DINIZ, Cristiano. *Fortuna crítica de Hilda Hilst: levantamento bibliográfico atualizado (1949-2018)*. Campinas: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações; UNICAMP/IEL/CEDAE, 2018.

FELINTO, Marilene. Hilda Hilst, 69, para de escrever: “está tudo lá”, 1999. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 183-187.

FOLGUEIRA, Laura; DESTRI, Luisa. *Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst*. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

GONÇALVES, Delmiro. O sofrido caminho da criação artística, segundo Hilda Hilst, 1975. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 29-35.

GOUVEA, Leila. Entrevista – Hilda Hilst, 2003. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 231-237.

HELENA, Regina. Hilda Hilst: suas peças vão acontecer, 1969. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 25-27.

HERTZ, Pedro. “Entrevista Ana Lima Cecílio”. Sala de Visita, *Livraria Cultural*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5W5yqxijdng>. Acesso em: 18 set. 2020.

HILDA HILST recebe o Prêmio Moinho Santista. *Folha de S. Paulo*, 26 set. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2609200228.htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

HILDA Hilst é enterrada em Campinas. *Folha de S. Paulo*, 5 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0502200412.htm>. Acesso em: 30 set. 2020.

HILST, Hilda. *Teatro completo*. São Paulo: Globo, 2008.

NETO, Juvenal *et al.* Hilda Hilst: fragmentos de uma entrevista, 1981. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 69-83.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. In: _____ (org.). *Por que ler Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2010. p. 7-29.

PISA, Clelia; PETORELLI, Maryvonne Lapouge. Em brasileiras: vozes, escritos do Brasil, 1977. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 37-45.

RIBEIRO, Léo Gilson. *Tu não te moves de ti*, uma narrativa tripla de Hilda Hilst, 1980. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 55-67.

RIMI, Hussein. Palavras abaixo da cintura, 1991. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 139-145.

SALOMÃO, Marici. *Amavisse*, o último livro sério da autora Hilda Hilst, 1989. In: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013. p. 103-109.

SILVEIRA, Alcântara. Palestra com Hilda Hilst, 1952. *In*: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem*: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013. p. 21-23.

VÁRIOS AUTORES. Das sombras – entrevista, 1999. *In*: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem*: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013. p. 189-215.

WEINTRAUB, Fabio *et al.* Os dentes da loucura, 2001. *In*: DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem*: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013. p. 217-229.

Data de recebimento: 30/9/2020

Data de aprovação: 14/11/2020